

IDENTIDADE COM A TERRA: CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL ENRAIZADA NAS MEMÓRIAS E NO PERTENCIMENTO

Vanize Gomes da Costa ¹
Lucilene do Socorro Aviz de Quadros ²
Rafaela Lebreço Araújo ³
Gleiciane Leal Moraes Pinheiro ⁴

RESUMO

Este trabalho relata minha experiência no Programa Residência Pedagógica, no âmbito de uma atividade desenvolvida na escola E.E.E.M.I. Luiz Paulino Mártires, Bragança - PA, com 4 turmas do primeiro ano do ensino médio, com os quais foram realizados debates sobre Educação Ambiental com base em memórias e ancestralidade, a partir de provocações sobre qual seria a relação dos estudantes com a natureza e como eles compreendem a vida a partir de suas memórias com o meio em que vivem. O principal objetivo foi sensibilizar os estudantes a respeito dos problemas ambientais, partindo da sensibilidade ao meio em que vivemos, para assim traçar caminhos para o cuidado efetivo com o meio ambiente. Para incrementar o debate, foi utilizado recurso audiovisual e estratégia de expressão de percepção por meio da elaboração de desenhos sobre a temática como produto final. A estratégia tornou a experiência dinâmica e atrativa para os estudantes, onde puderam refletir e compartilhar suas experiências e memórias afetivas, fugindo dos conceitos de uma Educação Ambiental tradicional, na qual não é levado em consideração a parte social da temática, resultando em uma educação superficial, sem a compreensão por completo das urgências ambientais, que permeiam entre conceitos da ciência, práticas metodológicas, sensibilização e análises socioambientais.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Identidade. Meio Ambiente. Memória. Natureza.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é fruto de uma de minhas vivências através do programa Residência Pedagógica (RP), que possibilitou transformações essenciais para minha construção pessoal e profissional como educadora, em especial durante o desenvolvimento dessa atividade em que busquei compartilhar e tornar mútuo os aprendizados que circundam a Educação Ambiental com o tema “Identidade com a Terra: Caminhos para uma Educação Ambiental Enraizada nas Memórias e no Pertencimento”.

¹ Graduanda do Curso de Ciências Biológicas – IECOS/UFPA, vanizegomes2020@gmail.com;

² Preceptora da E.E.E.M.I Luiz Paulino Mártires – SEDUC - PA, luciquadros@yahoo.com.br;

³ Professora Doutora da Universidade Federal do Pará – IECOS/UFPA, rlebreco@ufpa.br;

⁴ Professora Doutora da Universidade Federal do Pará – IECOS/UFPA, gleicimoraes@ufpa.br.

Através de recurso audiovisual, e estratégia didático-pedagógica com o uso de desenhos, consegui atingir os objetivos da proposta, na condição de envolver os estudantes durante todo o trabalho, desde a apresentação inicial, com exposição de um curta metragem, até as ações finais, onde foi desenvolvido desenhos sobre a temática pelos próprios alunos. Ficou evidente a eficiência desses recursos, no rendimento geral das 4 turmas de primeiro ano alcançadas, pois, além da produtividade nos debates e dedicação nos desenhos, houve um diferencial em minha relação pessoal com as turmas, onde consegui estreitar laços de confiança e abertura para participação mais espontânea em aulas posteriores.

Minha experiência no RP teve início no segundo semestre de 2022, e através das coordenadoras do programa: Rafaela Lebrago e Gleiciane Pinheiro, todos os residentes e preceptores tiveram acesso a inúmeras formações, reuniões de planejamento e materiais de apoio visando preparar-nos para os desafios dos ambientes escolares, em especial para cultivar a autonomia e responsabilidade dos residentes, o que foi de extrema importância para nossas práticas em sala. Pois, certamente toda essa preparação despertou em mim maior segurança e devida responsabilidade para com a escola e cada aula lecionada até aqui.

A escola Luiz Paulino Mártires, subnúcleo onde o trabalho foi executado, sem dúvidas facilitou cada planejamento metodológico. Ali pude contar com toda a atenção e cuidado de minha preceptora Lucilene Quadros, que viabilizou tudo o que foi necessário, mesmo dentro das limitações de uma escola pública. Os aprendizados obtidos com as experiências desse programa, concretizaram a importância de ter um diferencial em sala de aula, mesmo mediante a inúmeros empecilhos corroborados pelo sucateamento do ensino público. Isso revela a relevância de fomentar uma educação transformadora, que a longo prazo consiga mudar a realidade do ensino público no país.

INTRODUÇÃO

Das emergências climáticas, ao esgotamento de recursos naturais, a redução da biodiversidade, ao agravamento da fome e o desequilíbrio nas relações de poder (GREENPEACE, 2023; INMET, 2023; MOURA, 2023), nos deparamos com consequências da interação humana com o aporte natural e outras formas de vida que se traduzem em perturbações em diversos níveis nos aspectos físicos, biológicos e sociocultural desse “espaço” chamado meio ambiente, no qual se “vive e se desenvolve, trocando energia e

interagindo com ele, sendo transformado e transformando-o” (BRASIL, 1997).

A necessidade de um meio ambiente equilibrado é urgente e me faz entender que demanda um trabalho coletivo na dura jornada por entre os caminhos da educação ambiental efetiva. Pois, sempre reflito sobre as práticas pedagógicas em educação ambiental que tive em minha passagem pela educação básica e que vejo sendo desenvolvidas comumente. Me preocupo com o abismo que fica quando falam sobre um suposto cuidado com a natureza, contudo, sem memória, afeto e identidade (com o próprio território).

O Programa Residência Pedagógica (PRP) é uma estratégia do governo federal brasileiro que visa fomentar a formação inicial de professores, valorizar a experiência dos professores da educação básica, fortalecer e aprofundar a formação teórico-prático dos licenciados, permitindo a introdução dos licenciandos no espaço escolar para o desenvolvimento de práticas educativas criativas e inovadoras (CAPES, 2022).

Por esse motivo, considero relevante o compartilhar da experiência oportunizada em minha residência pedagógica, onde tive a oportunidade de desenvolver ações de ensino voltadas para a educação ambiental em uma perspectiva cultural e socioambiental fundamentada na relação que cada pessoa estabelece com a natureza, suas memórias e perspectivas da vida e sobre a vida.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral...vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos.” (KRENAK, 2017)

O “meio ambiente” indica o “espaço” onde estabelecemos intensas relações que nos transformam ao passo que o transformamos, dele dependemos e somos parte. Uma educação voltada para o estabelecimento de relações equilibradas entre os elementos (bióticos e abióticos) e fatores (físicos e sociais) que compõem o meio ambiente é essencial (BRASIL, 1997).

Partindo desse princípio, minha principal proposta no trabalho desenvolvido foi considerar o meio ambiente como inteiro - não pela metade (ÑUNEZ, 2021), que perpassa pela sensibilidade emocional acerca da relação das pessoas com a natureza, a fim de desenvolver provocações sobre suas memórias e perspectivas sobre a vida, como uma introdução crucial antes de abordar os fundamentos biológicos específicos relacionados a

temática.

Acredito que falar sobre a natureza como algo distante de nós, seres humanos, é insuficiente. Precisamos falar dela a partir de nós, como partes da natureza e do ambiente, que só é inteiro se nos envolvermos profundamente como um pequeno fragmento desse grande corpo. Com outras palavras, para cuidar da natureza, é preciso que nos identifiquemos com ela, em um nível que nos reconheçamos também enquanto terra, rio, mata (ÑUNEZ, 2021).

METODOLOGIA

As atividades foram desenvolvidas com estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio Integral Luiz Paulino Mártires, popularmente conhecida como LUPAMA, localizada em Bragança - PA. Esta é uma das três escolas-campo do subprojeto “Ação, reflexão e interdisciplinaridade: a pesquisa da própria prática docente e o letramento científico no ensino de Ciências” do Programa Residência Pedagógica, do Instituto de Estudos Costeiros do Campus Universitário de Bragança (IECOS/CBRAG).

No primeiro momento foi exibido um curta-metragem disponível no Youtube do canal Flecha Selvagem, Episódio Flecha 3, no qual o escritor e filósofo indígena Ailton Krenak narra uma série de pensamentos sobre a/s vida/s na natureza, considerando fatores científicos e crenças espirituais ligadas a ancestralidade. Após a exibição do vídeo, iniciei uma discussão sobre o exposto, com uma sequência de provocações sobre a reaproximação identitária e territorial, para através disso construir caminhos para o cuidado com esse território – Terra.

Em seguida, foi proposto aos estudantes uma atividade onde eles foram convidados a expressar sobre as aprendizagens alcançadas por meio dos diálogos estabelecidos, e também da experiência pessoal da relação de cada um com a natureza, contando um pouco de suas memórias, famílias, culturas e modos de vida que mostrassem o quão próximo eles estão de suas raízes e identidades, fazendo uma conexão da importância desses aspectos para a preservação ambiental. As produções poderiam ser em formato de desenho, texto ou oralização. Para orientar o processo criativo foi apresentada a seguinte pergunta motivadora: “Por que preservar?”

Essas atividades foram desenvolvidas durante o período de duas semanas em quatro turmas do primeiro ano do ensino médio da escola LUPAMA, nas quais a professora de

biologia é também preceptora do núcleo do PRP do IECOS/CBRAG.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O episódio Metamorfose – Flecha 3 embarca em uma viagem entres os diversos tipos de vida, inclusive vidas que consideramos inanimadas, desde grandes organismos até pequenas sementes, desde invisíveis moléculas, até grandes rios e rochas. “Tudo na Terra é vivo!” – o vídeo destaca – Pois “ser vivo é participar” - complementa. Uma reflexão que nos leva a concluir que todos os seres vivos são uma só existência, que passa por metamorfose a todo instante.

O universo é um verdadeiro organismo gigante onde todas e todos coabitamos, e cada existência atravessa todas as outras existências. “A vida é um entrelaçamento” – Afirma. E entre esses infinitos entrelaçamentos, há o amor, que move tudo o que existe, uma vez que com a ausência desse vínculo afetivo com a natureza, a diversidade ecológica e suas implicações perdem seus significados.

Regiões como o Acre, Rio Branco, e 4 Estados de Rondônia decretaram estado de emergência por conta da onda de calor que enfrentamos em 2023 (GREENPEACE, 2023). Não vai demorar para nos acostumarmos com as notícias de crise hídrica nos nossos rios, como é o caso do Rio Madeira e Jamari, no Amazonas. Tudo isso é resultado das mudanças climáticas dos últimos 60 anos atrelado ao fenômeno El Niño, que intensifica ainda mais o calor extremo, afirma o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET, 2023). A natureza conversa conosco, e está dia e noite contando manifestando seus lamentos, na esperança de ser ouvida, visto que o organismo-terra está em constante colapso, e agora vemos a olho nu as nossas florestas sangrando em carne viva, e os rios agonizando por asfixia, levando a doença e a morte de tantas vidas que dependem do seu curso. O El Niño certamente possui contribuição para alguns fenômenos, mas existe um fenômeno muito mais responsável.

Vivemos num sistema que transforma tudo em mercadoria; a água, a terra, a floresta e inclusive as pessoas, com foco sempre no lucro, mesmo sem jamais superar as crises financeiras. Esse fenômeno nos leva a verdadeira crise, a crise ecológica, que ao contrário das crises financeiras, não tem solução nos marcos desse sistema (LÖVY, 2013). A crise ecológica refere-se ao desequilíbrio ambiental que provoca matança em grande escala das florestas, rios e terras, e com elas também se vão seus moradores nativos. Sabendo que cada ser vivo deste mundo possui um habitat e um nicho ecológico, quem e o que irá substituir a

importância singular desses seres? Será o capital acumulado em mãos que são contadas a dedos? Certamente não.

O sistema capitalista usurpou tanto as nossas mentes, que já não imaginamos um mundo sem asfalto e concreto em cada pedacinho de terra possível. A vivência sem a tecnologia inventada pelos brancos, se tornou motivo de atraso, pois o grande “barato” mesmo é viver nas grandes cidades cercadas de gaiolas em forma de prédios, e manter uma vida robótica de um proletário apressado, adoecido mentalmente, que vende até a última gota do seu suor para pagar as dívidas que a cidade grande cobra.

Por todos esses motivos evoco uma reformulação emergencial nas práticas educativas no ensino de educação ambiental. Pois, em primeiro lugar deve-se reconhecer que o ambiental e o social são inerentes. Não existe consciência ambiental sem o reconhecimento do sistema capitalista como principal provedor das crises ambientais. Já está claro a necessidade de extingui-lo, do contrário, estamos todos condenados a própria extinção. Em segundo lugar, a retomada espiritual com a Terra, a quem devemos nosso cuidado e respeito, e a todos os seres que convivem conosco, como um espelho de cosmogonias indígenas que defendem a terra porque há uma relação de alma, um lugar que a colonização não teve acesso em meio ao genocídio histórico de seus povos. Por isso, é preciso que choremos as dores da terra que nos cuida, nos sensibilizemos com cada ser que deixa de existir como consequência do “progresso”. Prezo para que defendamos na mesma proporção todas as vidas. Na Figura 1 são apresentadas algumas produções dos alunos.

Figura 1 - Algumas produções dos alunos.



Fonte: Arquivo dos autores.

Durante as discussões busquei apontar a importância de todos os seres, e a necessidade de se identificar em todos eles, para que se possa construir uma relação mais íntima com a natureza, considerando tudo como parte de nós, e nós, como parte de tudo. Foi muito emocionante ver os alunos participando das discussões e compreendendo a biologia e a educação ambiental de uma outra perspectiva, que começa a partir deles próprios, de suas histórias, saberes e sentimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (CONCLUSÃO)

Sempre refleti sobre as questões identitárias e sua relação com o (*des*)cuidado com Pachamama: a terra que nos guarda, nutre e protege. E poder compartilhar essas reflexões dentro da escola foi muito significativo.

É visível que o distanciamento do ser humano com a natureza traz graves consequências não só a nossa espécie, mas a todas as outras, e infelizmente é o que presenciamos quando percebemos que os recursos naturais estão cada vez mais escassos, e que a velocidade do consumo não condiz com o tempo que a natureza leva para se recompor. Estamos numa caminhada árdua até o abismo, mas de que isso vale, quando o mais importante é lucrar em cima de tanta miséria natural e social? Escrevo isso porque não sou eu quem estou lucrando com tudo isso, e nem os meus semelhantes.

Há quem lucre com a falta de reconhecimento com a mãe terra, afinal, não podemos cuidar do que não somos próximos, e assim permanecemos inertes, anestesiados e reféns do que estão fazendo com nossa mãe. Se todas as vidas são entrelaçadas, a cada vez que destroem a terra, é uma autodestruição (ÑUNEZ, 2021). Reflorestar é preciso, não só a terra, mas as mentes, as relações, e nada disso acontece de forma isolada. Se o universo é um grande organismo vivo, que o façamos funcionar em prol da sobrevivência das vidas que aqui existem.

No decorrer desse trabalho pude, sobretudo, reafirmar a necessidade de pautar uma educação ambiental mais sensível, enraizada e diversa, com a nossa cara e a de todos que vieram antes de nós, pois é através da memória que estabelecemos vínculos profundos; raízes fortes, onde podemos enfim gerar frutos saborosos. Por fim, deixo explícito que o trabalho foi bem executado. A metodologia utilizada conseguiu facilitar os objetivos, tanto o vídeo quanto as produções foram ferramentas importantes para o envolvimento com a temática.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente, saúde**. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília, 1997.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portaria nº 82, de 26 de abril de 2022**. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasília, 2022.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.

LÖWY, M. “**Crise ecológica, crise capitalista, crise de civilização: a alternativa ecossocialista**”. Caderno CRH, vol. 26, no 67, abril de 2013, p. 79–86. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.1590/S0103-49792013000100006>.

MOURA, B. Estiagem se agrava no amazonas e rio negro tem nova mínima histórica. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 21 de dez. de 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-10/estiagem-se-agrava-no-amazonas-e-rio-negro-tem-nova-minima-historica>>. Acesso em: 15 de nov. de 2023.

ÑUNEZ, G. Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. **Revista ClimaCom**. 21 de nov. de 2021. Disponível em: <[Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário | Geni Núñez | ClimaCom \(mudancasclimaticas.net.br\)](https://mudancasclimaticas.net.br/monoculturas-do-pensamento-e-a-importancia-do-reflorestamento-do-imaginario)>. Acesso em: 15 de nov. de 2023.

TEMPERATURA Média atinge recorde no brasil pelo quarto mês seguido. **Instituto Nacional de Meteorologia - INMET**, 8 de nov. de 2023. Disponível em: <<https://portal.inmet.gov.br/noticias/temperatura-m%C3%A9dia-atinge-recorde-no-brasil-pelo-quarto-m%C3%AAs-seguido>>. Acesso em: 15 de nov. de 2023.

SECA na Amazônia: a outra face dos eventos climáticos extremos. **Greenpeace Brasil**, 29 de set. de 2023. Disponível em: <<https://www.greenpeace.org/brasil/blog/seca-na-amazonia-a-outra-face-dos-eventos-climaticos-extremos/>>. Acesso em: 15 de nov. de 2023.